

poesia

TÍTULO: Poesia

AUTOR: Alexandre Dáskalos

Capa: V. Palla

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 493/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ALEXANDRE DÁSKALOS

*Colectânea
de
poemas*

*LISBOA
MCMLXI*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
- N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância* de António Cardoso
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras* de Costa Andrade
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
- N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
- N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)
- N.º 10 — *Poesia* de Alexandre Dáskalos (1961)

NOTA BIOGRÁFICA

ALEXANDRE MENDONÇA DE OLIVEIRA DÁSKALOS nasceu em Nova Lisboa, a 26 de Janeiro de 1924 e faleceu, com 37 anos, no Caramulo, a 24 de Fevereiro de 1961.

Era formado em Medicina Veterinária e Assistente do Laboratório Central de Patologia Veterinária em Nova Lisboa, sendo autor de vários trabalhos científicos.

A selecção que ora se apresenta incide sobre a sua produção poética, desenvolvida praticamente entre os anos de 1943 e 1953.

Colaboração em MENSAGEM, órgão da Casa dos Estudantes do Império. Figura em «POETAS ANGOLANOS», colectânea de *Carlos Eduardo* para a C. E. I. (1959).



PREFÁCIO



A publicação dos poemas de Alexandre Dáskalos reveste-se de grande importância no quadro da poesia angolana. Se, na verdade não são muitos os poetas, angolanos, não deixam eles de afirmar, contudo, uma posição de vincada angolanidade, não só na invocação de uma terra-mãe — que poderia dar um sentido apenas telúrico a esta poesia — mas também na estruturação política do canto. É deveras importante ultrapassar o mero reconhecimento telúrico para podermos compreender, com a amplitude necessária, as incidências das alienações que os poetas sentem. O estudo das estruturas poéticas angolanas mostra bem como da poesia preconceituosa do «branco» (e podemos dizer que alguns poetas negros se deixaram arrastar por esta tendência minorizadora), passou-se para a poesia de descoberta de Angola e, num movimento irreversível, passamos a encontrar o poeta consciente dos significados das vivências angolanas. Alexandre Dáskalos compreendeu bem cedo a sua posição dentro deste quadro.

Com efeito deparam-se-nos, na definição das vivências angolanas e dos significados antropológicos do estar-no-mundo,

dois caminhos paralelos que, em certos pontos, se chocam, embora se completem. De um lado encontramos os autores não naturais de Angola, mas que a ela aderem por razões de vária ordem, entre as quais avultarão, naturalmente, as sentimentais e as culturais. Bom exemplo das primeiras será a poesia que António Botto realizou na sua breve passagem por Luanda e a de Tomás Vieira da Cruz, poeta notável dentro de conceitos limitados, por certo, mas que definem um estágio necessário de uma consciencialização que marchou lentamente, mas que está agora a iniciar o desfibramento dos liames mais íntimos. Exemplo da aderência cultural será o caso de José Augusto França (autor, não só de «Natureza Morta» mas, sobretudo, dos três notáveis contos que, em «Despedida Breve», tentam uma conjugação dos elementos existenciais da situação do «colono» e do «natural»), ou o de Maria da Graça Freire (com «A Primeira Viagem»). Os autores desta fase cultural só podem ver Angola de fora para dentro e a sua angustiada perplexidade perante o homem de cor mostra-nos quanto uma inventada esfinge poderia perturbar o entendimento de quantos contactavam em Angola com uma grave e iniludível realidade humana.

Creio não ser habitual entrever o problema com esta estrutura, mas não será difícil reconhecer a sua validade quando pensamos na, apesar de tudo, inautenticidade actual desses livros. Referem-se eles a uma realidade que não só foi ultrapassada, mas, mais ainda, radicam-se numa marginalidade humana que não é hoje viável. O racismo visceral

a que se reportam todos estes autores é o responsável pela criação de personagens negras (ou mestiças) viciadas na sua originalidade mais profunda. O homem negro desaparece, por isso mesmo, esmagado por uma capa de preconceitos que o transformam no objecto alienado por excelência. O compromisso efectivo das noções de finitude ou infinitude da cor, o jogo dialéctico decorrente desta circunstância, eliminam cada vez mais os autores que pretendem entrever o exótico onde apenas existe o humano. Fica assim enunciada a viragem mais significativa operada no trânsito dos problemas humanos de Angola, que pressupõem não apenas uma *negritude* mas, acima de tudo, uma *angolanidade*. Se em Alexandre Dáskalos vemos surgir a afirmação de um conhecimento objectivo das alienações que pesam sobre o homem negro, não deixa de reconhecer também as alienações que, paralelamente, transformam o angolano branco num homem circunscrito a um mundo viciosamente deturpado e impossibilitado, por isso mesmo, de ascender à sua própria integridade. Daí que, acima de tudo, haja em Dáskalos uma «angolanidade» bem referenciada.

A sua poesia é, por isso, um tentame, pois não chega a concretizar-se numa realização estética apurada. Procurava ele definir a matéria poética que um poeta angolano podia tratar sem trair a sua própria origem. E, arrastado por esta necessidade, descurou, naturalmente, o lastro estético do próprio poema. Se é certo que podemos entrosá-lo numa corrente neo-realista de cunho português, parece-me falso,

no entanto, recorrer a esta fácil solução do problema. Alexandre Dáskalos tentava perscrutar, dentro das dimensões humanas do seu mundo, os elementos mais especificamente significativos. A pesquisa desta especificidade não podia compadecer-se com um trabalho contínuo do verso, ou do poema que, desta forma, se apresenta como um bloco inatacável na sua mesma intencionalidade. Mas não descuidou, não quis descuidar, o que lhe importava mais no campo da afirmação ética pois que, nos seus versos ásperos, respira sempre um homem que não quer ser mais do que um homem visceralmente ligado à sua terra. Um poeta telúrico e pelágico, oscilando entre verdades que ainda não estavam completamente definidas no conjunto das afirmações humanas. Eis que, nele como noutros poetas da sua geração, a conjugação da sua realidade branca com a decisiva realidade negra da sua terra se encontravam frente a frente, necessitada de uma síntese final e harmónica que não compromettesse nenhuma virtualidade. Este respeito pela integridade do valor humano, em qualquer circunstância, é também uma característica da poesia de Alexandre Dáskalos, que nunca se quis deixar iludir pela fácil melodia do poema.

A observação anterior força-me a considerar o aparente canhestrismo do aparelho estético de Alexandre Dáskalos, que não é mais do que a vontade de dizer, com a crueza necessária, as coisas mais importantes que tinha para dizer. Digamos que tentava — tentou sempre — descobrir as

coordenadas fundamentais que servissem de esteio indestrutível à sua mesma angolanidade. Diga-se, desde já, que Alexandre Dáskalos tinha uma alertada consciência da sua posição no mundo e se algumas vezes se refere ao passado, é dentro de uma consciência crítica do próprio movimento histórico que lhe serve, então, para descobrir o maquinismo que dá origem ao presente. A sua afirmação fundamental é de que *o mundo que nos leva / vai / não fica à nossa frente*, marcando, deste modo, a intimidade profunda e indestrutível entre o homem e o meio ambiente. Afasta, assim, o mito da pura natureza, mostrando que, pelo contrário, o homem actua sobre a natureza transformando-a, o que lhe dá a possibilidade de modificar as condições da sua existência. É assim que o homem, forçado pelo jogo dialéctico, se transforma a si mesmo. E também deste modo entendia Alexandre Dáskalos a visceral ligação entre o homem e o mundo; a articulação das duas forças determina a coerência da sua *angolanidade*, na medida em que entendemos a sua luta contra a alienação. A ciência do homem fica então evidenciada e o poeta pode, nessas circunstâncias, recusar qualquer espécie de fatalismo, que aparece como teórica e praticamente inaceitável. Quando nos fala da *força bruta a domar montanhas*, pretende dizer-nos que são necessários *homens / que não neguem / a sua condição*. Recusadas são, portanto, as formas de desenvolvimento capitalista ou burguês, na medida em que se apoiam na negação sistemática de um homem — branco

ou negro tanto faz, para a tese de Dáskalos. Procura por isso descobrir a mentira inerente aos fatalismos sociológicos, corrompendo, necessariamente, todo o aparelho que garante a permanência de uma *ideologia* que, negando o homem, acabava por negar a própria realidade angolana.

A sua compreensão dos problemas mais latamente africanos surge desde o seu primeiro caderno de poemas e vêmo-lo falar de uma raça apunhalada: *A serra Leoa / a praia Morena / toda a costa de África / a desdobrar-se na arena / numa raça apunhalada*. O negro é o objecto manuseado por todas as formas de preconceito branco que o encara como uma mercadoria, ou apenas como a mão de obra indispensável para arrancar à terra de África, na generalidade, e à terra angolana — particularmente — as riquezas essenciais. Na verdade o negro contratado, que vai cumprir os seus anos de desterro amargo nas roças de cacau e café de S. Tomé, é encarado apenas do ponto de vista de uma rentabilidade que dependerá directamente da sua robustez. Tal transparece no poema de Alexandre Dáskalos, da mesma forma que surge num poema de linha idêntica de Mário Pinto de Andrade. Mas o poema impressionante da última fase poética de Dáskalos é, em boa verdade, aquele em que se canta a «mulher-negra», não como a fonte de todas as belezas (como sucede em Léopold Sédar Senghor), mas sim como a *mulher sofredora / sem lágrimas de pranto / cadela de filhos roubados / afogados e açaimados*, que acaba por constituir o elemento cupular de uma poesia constantemente revoltada. Palavra esta que

merece ser posta em destaque, na medida em que, em nenhum momento, mesmo nos mais abandonadamente líricos, Alexandre Dáskalos deixa de reflectir a verdade angustiada da sua situação, da situação do homem, no fim de contas. É por isso que a sua voz é das mais autênticas dentro do sentido de uma descoberta de Angola que viria a exigir uma *angolanidade* mais do que poética, política e, como consequência fatal, revolucionária.

Dáskalos sabia que estava num grupo de pioneiros e, por isso, procurou, em primeiro lugar, o material para os versos. Daí que, muitas vezes, haja qualquer coisa de monolítico, de informe até, na sua poesia. Mas esse monolito está, em verdade, radicado na terra angolana e as palavras dirigem-se sempre ao centro de tal verdade, a primeira e única que lhe interessa e faz dele um dos grandes poetas da *angolanidade* revolucionária que efectivamente é.

ALFREDO MARGARIDO



Quando eu morrer
não me dêem rosas
mas ventos.

Quero as ânsias do mar
quero beber a espuma branca
duma onda a quebrar
e vogar.

Ah, a rosa dos ventos
a correrem na ponta dos meus dedos
a correrem, a correrem sem parar.
Onda sobre onda infinita como o mar
como o mar inquieto
num jeito
de nunca mais parar.

Por isso eu quero o mar.
Morrer, ficar quieto,
não.
Oh, sentir sempre no peito
o tumulto do mundo
da vida e de mim.

E eu e o mundo.
E a vida. Oh mar,
o meu coração
fica para ti
Para ter a ilusão
De nunca mais parar.

a p ê l o

O meu íntimo é uma catedral
que ninguém viu.

Dá-me a tua mão e vem.

Guiar-te-ei por ela.

A tua outra mão acenderá os círios
nos recantos escuros das naves sombrias
onde a luz que se filtra
pelos vitrais dos teus olhos
ainda não chegou.

Dá-me a tua mão e vem.

Todas as imagens do silêncio, paradas,
se libertarão no brilho
do seu verdadeiro fulgor.
Pan tocará de novo
pela flauta antiga.

E assim iremos,
erguidos do fundo de nós próprios,
com seiva de raiz à flor dos lábios,
correr a campina,
colher as flores.

Sejamos nós
como a primavera que se oferece...

c r e p ú s c u l o

Nas horas paradas, indecisas
em que os olhos olham
a mesma cor no mundo
e, uma ténue claridade se suspende
no céu, entre o Sol e as estrelas...
no compasso de espera,
ainda dia e não sei se noite,
é que acorda o nosso coração.

E tange
a mesma canção amarga,
que vem das árvores,
dos pássaros, da gente
e onde a síncope da noite

colhe
um a um
todos os gestos.

Deixou de brilhar a água
translúcida do lago.
A árvore sustém na copa de sombra
os ramos que apenas sabem que vacilam.
Os pássaros são pios
gravados na memória
e em redor.

Percebem-se ainda os passos
da mulher que desce a rua.
O resto, é um traço vago
desenhado em reflexos baços
na penumbra.

Tudo se retrai e assusta
como num princípio de Vida.

Somos crianças e vamos
levadas por um destino comum
de sombras informes.
Mistério que somos
de nada e além

em agigantadas perspectivas de Morte
confundindo-se no mármore frio
de místicos temores...

...E a Vida continua.
Serena se levanta
do fundo da memória
nos ramos que se agitam,
nos pássaros que voam.
E balbucia e traça e canta
a mensagem futura
para embalar o dia que vem
na aurora distante.

Não peças palavras:
É voz o vento e o seu perdido rumo.
O silêncio quebrou-se entre mitos
onde quisemos apagar as nossas incertezas.
Silêncio para a dor para o amor e para a vida:
A boca renega o que a razão não dita.
Só no silêncio o coração murmura
e deslisa a vida para o que a alma quer.
Abre em grandeza o mais pequeno gesto
pagando dívidas de amor.
E escorre o mais pequeno gesto
para a grandeza em que o amor se tem.

E nasce na flor entreaberta
o pólen de todas as virtudes.

Só no silêncio o amor desperta
e abraça a dor como um destino
de resignado pranto.

Só no silêncio a vida se descobre.

l e i

Livre, livre mas sem asas.

Homem apenas.

A fronte erguida

O olhar em frente

O lábio a sorrir

para a manhã...

Os passos

apenas vão seguindo

O que na rasgada treva se adivinha...

Os braços construindo

o que é flor, e é fruto,

e é semente,

e flor e fruto
de amanhã...

E vamos:
o mundo que nos leva
vai,
não fica à nossa frente.

d e s p e r t a r

Acorda,
erguido como o sol sobre as montanhas...

Estende os braços
à vida que te chama,
e canta!...

Vai!...
E de cabelo ao vento,
constrói a vida pela raiz da dor no fogo das entranhas.

Vai!...
E que os olhos
e os lábios

vejam e saibam
do fragor da luta...

Filho da terra que te deu o ser,
corre no impulso da enchente
tropical
dum sangue quente,
e em tempestades de amor
troveja e geme
na alegria de lutar
e de viver!

Sereno como o rio
que volta ao leito,
dá-te para os outros
– Seu irmão –
Irmãos que sejam como tu:
dos pés à boca
homens
que não neguem
a sua condição...

Há lobos
dispersos no caminho...

E vai,
a frente juvenil
erguida
engrinaldada ao sol,
a Vida
confiante ao punho
dessas mãos viris...

Irmãos, vinde!...
o sol ergue-se nas montanhas.
A vida não se fecha,
a todas faz florir...
a vida tem de ser aberta –
sejamos nós o fruto e a oferta
da árvore do porvir...

Há-de vir.
Não importa
que seja amanhã
que foi ontem.
Só importa que venha.

Basta a certeza da chegada.
Vê-la como a montanha
a seguir na estrada
que a rodeia.

É certo o caminho,
incerto o tempo da jornada.
É certa a montanha
mais nada.

princípio

A vida tem de ser de gestos largos,
De força bruta a domar montanhas.
Murmúrios, queixas e afagos
Só para os filhos ainda nas entranhas...

É preciso transpor num só poema
A transcendência ciclópica do Ser:
Voar, cair, erguer, e num mesmo lema
Largar, prosseguir, vergar, vencer...

Tudo se gerou para ser nado.
O infecundo morreu quando se viu
Infecundo, aborto e renegado,
No homem que o pariu...

A semente apenas para a terra
Que a der e a receber!...
Ah! carinhos de mãos para a semente
E afagos de mãos regando o solo;
Afagos à mulher prenhe e doente
E da mãe ao filho que traz ao colo.

m a n h ã

Erguida do fundo das águas plácidas
dum lago surge Mulher.

Limos na pasta dos cabelos
escondem o mistério dos olhos
olhando a curva do seu ventre.

Flutuando
entre sombras e reflexos
duma luz longínqua,
a forma dos braços
ganha o mais e mais fundo das águas.

Os seios erguidos
apontam ao longe
a aurora que vem.

Em volta
musgos, líquens, algas,
em fosforescências arbóreas
de constelações que lembram
os recessos da vida.
Em plantas aquáticas, marítimas,
chegam-lhe da floresta
lutas de homens, desesperos e cansaços,
feras e povos divididos, misturados
confundidos
para a sua criação.
E tudo esquecido ou ignorado,
só no lago
o corpo erguido,
jovem,
abrindo nas sombras o seu perfil que nasce
o seu perfil de Mãe
dos Homens do futuro.

d e s c o b e r t a

Viu-se em caminhos escabrosos e sombrios
quem se julgara por estradas amplas.
Teve o bordão do último mendigo.
Naufragou, mas mesmo assim se julgou vivo.

Foi.
Nem alegre nem triste...
Sobre o peito a âncora
da ânsia para a terra Prometida.
E terras, vales e céus, ares e montes
percorreu, e julgou ter atingido.
Mas caiu
porque a terra lhe faltara.
Inconsistente no seu próprio sonho

mergulhou fundo na ilusão
do que buscara.

À deriva
a nau, metendo água,
despedaçada, que a tempestade
vibra golpes no casco
altos e certos...

Mas foi e segue
para um rumo e,
parada que se viu, ali ficou.

Ilha.
Ilha mas sòzinha, tão deserta.
Se é a terra Prometida,
que sentido teve então a caminhada?
É seguir, é seguir,
uma voz lhe dita.
E se parar, que fique
lá onde as forças lhe faltarem.

Há sempre na distância que se cumpre
outro céu, outro ar, outra paisagem
na aridez da terra, ou no ar,
em que se encontre.

Sempre haverá o que se busque
embora o que se busque não se encontre.

c o n d i ç ã o h u m a n a

Não fiquemos
abaixo dos olhos da manhã:
às pupilas deram sonho,
na cor e fantasia...

A mesma cor,
ou outra cor,
que importa?
O mundo
canta bem fundo
em todo o coração:
A voz singela
da natureza, da criação...

A terra-mãe tem dispersão.
E a unidade
sai do seu ventre;
e o seu ventre
come das bocas e dá às bocas
o mesmo pão...

b u s c a n d o r u m o

I

Fui buscar o sol
pela planície ampla
e na planície vejo pègadas:
um povo em êxodo ali passou.

Sobre os meus ombros
o sol,
sob o meu olhar
o firmamento sem fim do sofrimento
que o silêncio do ar parado
sequestrou.

Onde a tua glória, Sol?
A minha libertação deserta
e o esteio da minha caminhada
gravado neste chão também ficou...

Ilusão a marcar outra ilusão...

Que não vá ninguém.
Mas que não fique
com o olhar parado num desejo.
E não pode, peregrino,
buscar a luz da alma liberta
se ela se apaga no caminho.

Mas que fazer?
Ah! que fazer?
Cruzar os braços e deixar
a fome dos desejos e os cansaços
matarem bem no fundo a nossa ânsia?

...Deixar assim correr os passos
Sem destino e sem rumo?...
...A que florestas de alma,
ignoradas,
se conduzem assim os nossos passos?...
Que imprevisto de sensações
e de desejos

vem beijar o porvir da manhã pura
sem nada acalentarem nossos braços?...

Ficar na estrada,
na estrada só, parado,
não sentir a asa dilatada
do ar, da brisa, da luz
em convulsões?...

NÃO!

Eu amo a vida!

E NÃO,

o próprio sol me dita

o seu rumo.

E vai e avança e caminha

lançando as sementes do futuro.

O sol que pela noite se perdeu
despontou ao abrir da madrugada.

II

Só existe
o que amanheceu.
Depois é fruto e é semente.
E a semente é do fruto
um quase nada.
Só a semente de novo amanheceu.
Subir à planície eis a vitória
mas o anseio aqui já não ficou.

É preciso procurar outro destino
à semente que o fruto em si gerou.

A vida banhada em Sol é que dá vida.

p o r t o

Havia nos olhos postos o sentido
de não vencerem distâncias.
Calados, mudos, de lábios colados no silêncio
os braços cruzados como quem deseja
mas de braços cruzados.

Os navios chegavam aos portos e partiam.
Os carregadores falavam da gente do mar.
A gente do mar dos que ficam em terra.
As mercadorias seguiam.
Os ventos, dispersos na alma do tempo,
traziam as novas das terras longínquas.

Segredavam-se em noites e dias
a todos os homens
em todos os mares
e em todos os portos
num destino comum.

Os navios chegavam ao porto
e partiam...

I

Da boca da noite surgiram mendigos.
Vinham com a ganga dos operários
o terno dos escriturários
o vestido das dactilógrafas
e os sapatos duma miséria limpa...

E os ombros foram frágeis e fortes
a suportar o mundo.
Tudo se deu
para restar apenas a virtude
de ter sobejado a vida.

A vida:
– Miséria e fome.

A vida a bater a asa do alento
na coragem do dia a dia.

Vida de olhos vagos
de paisagens despida.

Vida, sem aroma
e sem fruto
suportando-se apenas.

Vida-narcótico
de festas, cinemas,
afogando cuidados de hoje
e de amanhã.

Vida de traços vagos
e confusos
a amortalhar o cérebro
num sonho místico
de formas múltiplas sem grandeza.

Ânsia de jazz
de ritmos partidos
de carne
sem ossos.

Vida de futilidades
sempre novas,
a degladiar desesperos
mas que de noite acordam
para pesadelos tétricos.
Vida: – guerras que se levantam
de ideais sem nome,
ao fogo dos ideais
das carnes que consomem
o homem.

O homem que no desespero acorda
e põe laivos de sangue
numa aurora longínqua.

II

Da boca da noite surgiram mendigos
vomitados por uma cólera feroz.
(Vulcão da chama de outros dias,
dos que não querem esmola).

Apenas no rosto
a boca torcida.
Os braços convulsos.
Um ronco na voz.

Os olhos de chama
queimando fogueiras...

Os passos unidos
de tantas
em tantas
pancadas certas.
Rasgavam a noite
subindo montanhas.

Um canto
profundo
agora
na voz.

A voz dos homens
que amam a vida
tal qual ela é:
de sonho e de carne
de ideias e luta
mas vida vivida.

Necessidade humana,
animal, de comida,
de braços bem livres
de algemas na fome.

Livres como asas de pássaros
a ganhar a altura
que o cérebro consente.

Livre,

Mais livres espaços
rasgados da vida.

O caminho aplanado
do homem
para as eras futuras.

p o e m a

Eis-nos aqui no caminho
traçado por nossa mão.
Cada braço traz um punho
e cada punho um punhal.

Bandoleiros na vida,
vida errante era o destino!
Nas costas nasceram traços
da vida dura, sem pão.

Rugas dos covais da vida
cemitérios da ilusão!...
Mortos, mortos mas com vida
quase à beira do chão.

Quase à beira do chão
rastejantes, vermes, podres!...
Pobre miséria do mundo
só o dinheiro é patrão.

Só o dinheiro é senhor
dos vermes sujos do chão

Cada verme traz um punho
Com uma faca na mão.

Foi um golpe certo
e o corpo caiu de bruços
no areal, ferido.

A noite caiu também
e nem um grito sequer
cortou o silêncio perdido.

Apenas um vento agreste
veio beijar-lhe a fronte.
A fronte, flor vermelha
pelo seu sangue vertido.

O cabelo, uma bandeira
ficou agitado ao vento
até o dia rompido.

Foi um golpe certo
Ali de braços caído.

A noite deu-lhe contornos
o corpo esticado
e torcido.

A boca, um fio de sangue.
À volta, sangue também
do seu corpo estendido

Mais o silêncio das coisas
à volta, comprometido.

v i a g e m

A Serra Leoa
a Praia Morena
toda a Costa de África
a desdobrar-se... na arena
duma raça apunhalada...

Sertão de feras
árvores da floresta
acasalando febres,
crenças, feitichismos;
adormecida,
a razão da gente negra;
mas, alerta, bem no fundo,
o sentido natural e pagão da vida...

E o mar a olhar
a presa fácil:
as caravelas
bojos de madeira
a arrostar procelas
sobre as procelas do mar...

Grito dum olhar na praia
grito olhado e mudo
de quem ficou a olhar, a olhar...

A procela negra no porão –
os chicotes do mar na caravela –

E o mar
arrastou do mar
as caravelas,

A África e a América e o mar
o elo da corrente
a separar e a ligar a angústia
do gigante caído
o que se levanta,
e dorso arqueado para a frente...

Traz um braço viril
sobre a tez morena

a cabeça no mar
o olhar no céu
e os cabelos
lançam às ondas
os antigos mitos.

Limos de terra e sal
sertão e mar ungidos
sofrendo o culto à vida.

Os continentes
ali unidos
no seu corpo
a razão dos sentidos
ainda
na crença adormecida.

Ergue-te
à flâmula do sol do dia novo,
esfrega a mão na frente,
despe-te para a vida
e limpo e puro
lança o olhar ousado
ferindo o horizonte.

Ergue-te sobre o monte

Batem asas as águias
em todas as praias
dos mares distantes
alvorotadas pelo mesmo arroubo!...
Calca o oceano, esmaga os montes –
no rasgo de as abraçares
fecunda o globo.

Ei-lo

Floresta e mares na frente
asas do cérebro a cortar os ares.
Braços de máquinas metálicas, potentes,
alargam a orgia
cantam
o turbilhão da vida
Despedem canções os lábios
na roda das crianças
o ouvido escuta
as vozes cantam
e tudo se mistura
tumultua
e sai
na alegria do teu rosto
aberto à vida livre
e pura.

a s o m b r a d a s g a l e r a s

Ah! Angola, Angola, os teus filhos escravos
nas galeras correram as rotas do Mundo.
Sangrentos os pés, por pedregosos trilhos
vinham do sertão, lá do sertão, lá bem do fundo
vergados ao peso das cargas enormes...
Chegavam às praias de areias argêntas
que se dão ao Sol ao abraço do mar...
...Que longa noite se perde na longa distância!

As cargas enormes
os corpos disformes.
Na praia, a febre, a sede, a morte, a ânsia
de ali descansar

Ah! As galeras! As galeras!
Espreitam o teu sono tão pesado
prostrado do torpor em que mal te arqueias.
Depois, apenas pestanejam as estrelas,
o suplício do arrastar dessas correias.

Escravo! Escravo!

O mar irado, a morte, a fome,
A vida... a terra... o lar... tudo distante.
De tão distante tudo tão presente, presente
como na floresta à noite, ao longe, o brilho
duma fogueira acesa, ardendo no teu corpo
que de tão sentido, já não sente.

A América é bem teu filho
arrancado à força do teu ventre.

Depois outros destinos dos homens, outros rumos...
Angola vais na sede da conquista.
Hoje no entrechoque das civilizações antigas
essa figura primitiva se levanta
simples e altiva.
O seu cântico vem de longe e canta
ausências tristes de gerações passadas e cativas
E onde vão seus rumos? Onde vão seus passos?

Ah! Vem, vem numa força hercúlea
gritar para os espaços
como os dardos do Sol ao Sol da vida
no vigor que em ti próprio reverberas:
– Não sou cativo!
A minha alma é livre, é livre
enfim!
Liberto, liberto, vivo...

Mas... por que esperas?
Ah! Mata, mata no teu sangue
o presságio da sombra das galeras!

c o m p a n h e i r o s

Vinde companheiros!

Que os vossos braços se abram
aos nossos braços de amigos

– Toma uma cadeira. Senta-te. Conta:
Desdidas, anseios, desventuras
e desse fulgor ardente que se adivinha
no teu olhar cavado das viagens
como uma estrela numa noite morta...

Nós somos todos irmãos.

Ah, quando te invadir a solidão
e olhares à volta e sentires apenas

a presença perturbável dos teus ombros,
não estás só!
Vem até nós.

Estarás comigo.
Não será morta a morta esperança
do teu olhar sem luz.

Mas que fôlego ingénuo na aventura
te lançou em tão inóspitos lugares
deixando assim o teu lar, amigo?
Não contes, eu sei qual foi. Foi
essa vontade de produzir, de criar, de vencer...

Oh! nossa terra, oh nossa mãe!
Como se casam em nós os prodígios
da tua natureza forte!

O húmus inculto das florestas
brota em nós, freme em nós, canta em nós
no grito de todos os gritos,
na ânsia da tua descoberta!...
O amor dos nossos corações
transborda da nossa alma
como a força impulsiva dos teus rios...

Vês, companheiro, eu sou teu Irmão,
toma a minha mão, dá-me a tua mão.

d e s o l a ç ã o

Tudo se foi por água a baixo
as enxurradas levaram os milhos,
os comerciantes fecharam a porta,
os contratados seguiram para S. Tomé,
as mulheres negras com os filhos pendentes das longas
[têtas negras
caminharam pelos desertos da vida.
Com os olhos enxutos, sem lágrimas,
viram morrer os filhos
caídos como os gados pelas pastagens áridas...
Os cadáveres trouxeram epidemias,
morreu mais gente,
e todos morreram
como se não morressem.

Tudo se passou no silêncio amordaçado da Selva.
Agora,
em desespero de virgem
violentada e infecunda,
grita a terra nua
a desolação da paisagem morta.

que é s . tomé

I

Quatro anos de contrato
com vinte anos de roça.

Cabelo rapado
blusa de branco
dinheiro no bolso
calção e boné

Eu foi S. Tomé!

Calção e boné
boné e calção

cabelo rapado
dinheiro na mão...

Agora então volto
mas volto outra vez
à terra que é nossa.
Acabou-se o contrato
dos anos de roça

Eu vi S. Tomé!

Cuidado com o branco
que anda por lá...
Não sejas roubado,
cuidado! cuidado!
Dinheiro de roça
ganhaste-o. Té dá
galinhas... e bois...
e terras... Depois
já tiras de graça
o milho da fuba,
o leite, a jinguba
e bebes cachaça.

Eh! vai descansado,
dinheiro guardado
no bolso da blusa.

Que é S. Tomé?

Cabelo rapado
blusa de branco
dinheiro no bolso
calção e boné.

II

Este mente, aquele mente
outro mente... tudo igual.
O sítio da minha embala
aonde fica afinal?

A terra que é nossa cheira
e pelo cheiro se sente.
A minha boca não fala
a língua da minha gente.

Com vinte anos de contrato
nas roças de S. Tomé
só fiz quatro.

Voltei à terra que é minha.
É minha? É ou não é?

Vai a rusga, passa a rusga
em noites de fim do mundo.

Quem não ficou apanhado?

Vai o sono, vem o sono

vai ó sono

quero ficar acordado.

No meio da outra gente

lá ia naquela corda

mas acordei de repente.

Quero ficar acordado.

Onde está o meu dinheiro,

onde está o meu calção

meu calção e meu boné?

O meu dinheiro arranjado

nas roças de S. Tomé?

Vou comprar com o dinheiro

sagrado da minha mão

tudo quanto a gente come:

trinta vacas de fome,

galinhas... de papelão.

Vou trabalhar nesta lavra
em terra que dizem nossa
quatro anos de contrato
em vinte anos de roça.

Eu foi S. Tomé!

Cabelo rapado
blusa de branco
dinheiro no bolso
calção e boné.

Aiué!

c a r t a

Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo, meu irmão
Sou fio dos pais da terra
Tenho corpo p'ra sofrer
Boca para gritar
E comer o que comer
Os meus pés que vão
No chão
Minhas mãos são de trabalho
Em coisas que eu não sei
E não tenho nem apalpo
Trabalho que fica feito
Para o branco me dizer
«Obra de preto sem jeito»

E minha cubata ficou
Aberta à chuva e ao vento
Vivo ali tão nu e pobre
Magrinho como o pirão
Meus fios saltam na rua
Joga o rapa sai ladrão
Preto ladrão sem imposto
Leva porrada nas mãos
Vai na rusga trabalhar
Se é da terra vai para o mar
Larga a lavra deixa os bois
Morre os bois... e depois?
Se é caçador de palanca
Se é caçador de leão
Isso não faz mal nenhum
Lança as redes no mar
Não sai leão sai atum...
Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo meu irmão
Sou fio dos pais da terra
Um pouco de coração
De coração e perdão
Jesus Cristo meu irmão

m u l h e r n e g r a

Mulher sofredora
Sem lágrimas de pranto
Cadela de filhos roubados
Afogados e açaimados

Mulher do branco
Prostituta dos matos e das ruas fáceis
Mulher dos seios amplos cujas têtas
De loba amamentam filhos
– Rómulo e Remo –
Dos espólios do seu ventre
Mulher besta-de-carga da lavra
E do pão da boca dos filhos
Mãe de filhos abandonados

Amparados nos seus braços
Estranhos e banidos
No instinto de repulsa
Das duas cores
Entre as duas cores
Do arco-íris da terra
Entre os seus braços
O único refúgio
O certo amparo
O seguro refúgio
Dum coração sereno

Mãe
Mulher das longas vigílias da febre
Do sertão
Travesseiro e amparo
Num coração desamparado
Dando-se sem esperança
Mulher do corpo gasto
Sem lábios já para sentir
O travo da traição
Mulher que deixa o cadáver insepulto
Às hienas e à noite
De animal abandonado
Mãe dos filhos abandonados
Mãe dos filhos que matam por vingança

Mãe dos filhos que procuram redimir
A carne dos pecados do mundo
Mãe do alento da última esperança
Mãe cujos filhos saberão
dos privilégios
Das tuas virtudes
E dar a mão a todos os homens
Na face da Terra

Mãe
Nada pelo que passaste
E sofreste
Mãe
Será em vão

*Propriedade e edição
da família do autor*



